

Humor na Bíblia¹

Jean Lauand²

Resumo: O artigo recolhe algumas passagens de humor ou jocosas da Bíblia – Velho e Novo Testamentos – e as discute em seu contexto.

Palavras Chave: Bíblia. passagens jocosas. humor.

Abstract: The article selects and discusses some humorous passages of the Bible, from Old and New Testaments.

Keywords: Bible. humorous passages.

1. O Humor de Deus na Criação

Brincar é coisa séria. Há mais de vinte anos, quando prestei o concurso para Professor Titular (o último grau da carreira docente) na Faculdade de Educação da USP, elegi para a Prova Pública de Erudição o tema: *Deus Ludens*, o Deus que brinca; publicado em: <http://www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm>. Neste artigo, limitar-me-ei a selecionar (e comentar) algumas passagens jocosas da Bíblia.

Entre as realidades divinas e humanas contidas na Bíblia, encontra-se a dimensão do humor, em suas diversas formas: desde o modo leve e descontraído de encarar a Criação, até a ironia ante a insensatez do homem que se ergue contra Deus, passando pela aguda sutileza com que se descreve a condição humana e as idiosincrasias dos indivíduos e dos povos.

A Sabedoria divina – que está “continuamente brincando..., brincando no orbe da terra e alegrando-se com os homens” (Prov 8, 30-31) – instrui, em primeiro lugar, pela Criação; mas também pela Sagrada Escritura.

A Criação é um falar de Deus (Sl 19, 1), enquanto manifesta o Verbo (*Logos*, Palavra, Sabedoria de Deus) que a projetou. Daí que Santo Tomás de Aquino afirme: “As criaturas são como palavras que manifestam o Verbo de Deus”³. E as criaturas, de algum modo manifestam também o bom humor do Pensamento Criador divino. Sugestivo, nesse sentido, é acompanhar João Guimarães Rosa em sua visita ao zoológico de Hamburgo⁴:

¹. Neste artigo retomao – com modificações –, um capítulo de um opúsculo de minha autoria há muito esgotado: “O Bom-Humor Bíblico - O Bom-Humor Árabe” São Paulo: Edix/ Dlo-Filchusp, 1995. Coleção “Oriente & Ocidente” Vol. 10.

². Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

³. I d. 27, 2.2 ad 3. Nesse mesmo sentido, o teólogo alemão Romano Guardini fala do “caráter de palavra” (*Wortcharakter*) das coisas criadas.

⁴. “Zoo” in *Ave Palavra*, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 2ª. ed., 1978.

O cômico no avestruz: tão cavalgar e incozinhável, tenta assim mesmo levantar-se. O nobre no avestruz: seu cômico... O diverso, no riscado da zebra: quanto ao corpo, é uniforme: mas, na cara é tatuagem. Ainda a respeito do avestruz: só a inocência dança. A raposa, hereditária anciã: vid. seu andar, sua astúcia-audácia. Avança, mas nuns passos de quem se retira. Mais do avestruz: valha tão bem chamá-lo de só *estruz*, somente. O dromedário apesar-de. O camelo, além-de. A girafa, sobretudo. O macaco: homem desregulado. O homem: vice-versa; ou idem. Monólogo do mono Simão, que se vende por meia casca da fruta: – Aos homens, falta sinceridade... Dito o que, vai bugiar espontâneo”.

Nessa grande tirada de humor, que é a Criação, não faltam também mensagens cifradas. Rosa conclui: “O macaco está para o homem assim como o homem está para x...”

2. O Bom Humor de Deus na Bíblia.

Também as intervenções de Deus na história dos homens são marcadas, por vezes, com aquele fino toque de humor – como no caso de Sara, que, ao ter dado à luz em velhice avançada, exclama: “Deus me fez rir e todos os que o souberem rirão comigo” (Gn 21, 6).

Na Bíblia, o bom humor de Deus expressa-se inspirando ao hagiógrafo certos relatos e formulações divertidas que, pela acuidade, tornam-se mais sugestiva e facilmente recordáveis. Ao indicar, por exemplo, que é necessário prudência na escolha do conselheiro, o *Eclesiástico* (37, 11 e ss.) ensina – de modo vivo e concreto – que não se deve pedir conselho:

... à mulher sobre a rival; ao medroso, sobre se é o caso de fazer guerra; ao negociante, sobre a mercadoria; ao comprador, sobre venda; ao invejoso, sobre gratidão; ao egoísta, sobre generosidade; ao preguiçoso, sobre qualquer trabalho; ao empreiteiro, sobre o acabamento de uma tarefa; ao servo indolente, sobre um trabalho.

Em seus provérbios, comparações e nessa oriental arte de associação de realidades, o humor bíblico é insuperável. Alguns exemplos: “Goteira pingando sem parar em dia de chuva e a mulher briguenta são semelhantes!” (Prov 27, 15); “O preguiçoso põe a mão no prato: levá-la à boca é muita fadiga” (Prov 26, 15); “Um anel de ouro no focinho de um porco é a mulher formosa sem bom senso” (Prov 11, 22); “Por três coisas treme a terra, e a quarta não pode suportar: o servo que chega a ser rei, o louco farto de pão, a moça antipática que encontra marido e a serva que herda da patroa” (Prov 30, 21-23).

3. Preços, pechinchas, negócios e negociações...

Palavra divina inserida em realidade humana, a Bíblia descreve, por exemplo, os orientais exercendo sua milenar arte de negociar. É o caso das advertências de sabedoria: “‘Mau, mau’, diz o comprador antes de comprar e, depois, sai gabando-se da compra” (Prov 20, 14). Ou:

Ao pedir um empréstimo, beijam-lhe a mão e abaixam a voz... No tempo da restituição, porém, adiam a data, pagam com recriminações,

culpam o tempo. Se o devedor pode pagar, com dificuldade o credor receberá a metade, e o pode considerar como um achado. Em caso contrário, será espoliado de seus bens e adquire, sem tê-lo merecido, um inimigo. (Eclo 29, 5-8)

Os preços também podem variar de x a $7x$ (Eclo 20, 12) e, na mesma fala de Cristo, os pássaros sofrem um desconto, quando vendidos “no atacado”: dois pássaros custam um asse (Mt 10, 29), mas cinco pássaros custam dois asses (Lc 12, 6).

A habilidade oriental é descrita não só nos livros sapienciais, mas também em relatos protagonizados pelos heróis bíblicos.

Assim, Abraão, o pai dos árabes e dos judeus, atreve-se a pechinchar com o próprio Deus. Na conhecida passagem da intercessão por Sodoma (Gn 18, 22 e ss.), ante o desígnio de Deus de destruí-la, Abraão começa pedindo clemência para a cidade, em atenção a um eventual número de justos que nela se encontrem. E fixa um primeiro lance: cinquenta justos (Abraão bem sabe que não há – nem de longe – cinquenta justos na cidade e, portanto, Iahweh facilmente aceitará esta proposta, que é puro expediente psicológico para, por assim dizer, fazer com que Deus “aceite o jogo”, “entre na loja”).

Como bom negociante, Abraão não espera resposta e até antecipa o consentimento de Iahweh, que nem tem o que discutir: “Longe de Ti fazer morrer o justo com o pecador! Acaso não fará justiça o juiz de toda a terra?”. E Deus concorda, fixando bem, porém, os termos do contrato: “Se Eu encontrar em Sodoma *cinquenta* justos, perdoarei à cidade”.

Ao ver que Deus entrou no jogo, Abraão, com ares de quem acaba de se lembrar de um pequeno detalhe, pede 10% de desconto a Deus, ajuntando (com ênfase no pequeno desconto e não no número principal): “Mas talvez falem cinco aos cinquenta justos: por causa de *cinco* destruirás toda a cidade?”. Iahweh, cumprindo seu papel, responde, sempre com atenção ao total: “Não, se eu encontrar *quarenta e cinco* justos”.

Abraão, entusiasmado com o sucesso inicial, continua pechinchando: quarenta, trinta, vinte e só quando atinge a marca de dez – presumivelmente segura, pelos seus cálculos –, fecha o negócio com Iahweh.

O patriarca aparece também em outro curioso episódio (Gn 23), hilariante por revelar a sutileza oriental, quando o assunto é dinheiro. Morreu Sara, mulher de Abraão que, como estrangeiro, não podia ser proprietário de terras, em que pudesse sepultá-la. Mas era tal o prestígio de Abraão entre os heteus (“tu és um príncipe de Deus entre nós”), que estes deixam-lhe a mais ampla liberdade de escolha (“enterra teu morto na melhor de nossas sepulturas; ninguém te recusará sua sepultura a fim de que possas enterrar teu morto”). E mais, nessas circunstâncias, nem seria de bom tom cobrar a Abraão: o proprietário deveria ceder gratuitamente o campo que viesse a ser escolhido.

Quando Abraão, perante a comunidade, expõe seu interesse pelo terreno de um tal Efron (“Que azar! Tanto campo por aí e ele foi escolher logo o meu!”) e se declara disposto a pagar por ele, Efron, afetadamente, diz que não, que lhe dará o campo de graça. Ante a insistência de Abraão em saber o preço, Efron, mineiramente, sai-se com esta: “Não, imagina se é o caso de cobrar ao senhor uma terra que *vale*

*quatrocentos siclos de prata*⁵. Abraão – prossegue a Bíblia – deu seu consentimento a Efron e pesou, diante da comunidade, exatamente o dinheiro que Efron “pedira”: quatrocentos siclos de prata corrente entre os mercadores!

4. Profetas e Falsos Profetas

Por vezes, o humor de Deus (e de seus enviados) manifesta-se em outra linha. Como diz o Salmo 2, “o que habita nos céus, ri” da aparente superioridade de força dos reis que contra Ele se insurgem: “o Senhor se diverte à custa deles”. A situação básica é a mesma dos filmes de aventura: o herói está em aparente inferioridade (mas, no caso, conta com a força de Iahweh). Assim acontece com Sansão contra os filisteus, com Davi contra Golias e com o povo judeu contra o poder do faraó (Rom 9, 17 diz que Deus deu enormes poderes ao faraó, precisamente para poder mostrar Seu próprio poder, vencendo-o espetacularmente...).

Uma dessas reviravoltas dá-se numa das mais divertidas passagens da Bíblia (I Re, 18): Elias, o único que restou dos profetas de Iahweh, enfrenta, sozinho e com requintes cômicos, quatrocentos e cinquenta (!) profetas de Baal, num desafio perante todo o povo: o deus verdadeiro deve consumir com fogo do céu um novilho. Em pleno campo de luta, o profeta, ironicamente (“já que sois mais numerosos”), até deixa que os profetas de Baal comecem:

Eles tomaram o novilho e o fizeram em pedaços e invocaram o nome de Baal desde a manhã até o meio-dia, dizendo: “Baal, responde-nos!”. Mas não houve voz, ninguém respondeu.

Desesperados, os profetas de Baal começam a dançar, a dobrar o joelho diante de seu altar, mas em vão: nenhuma resposta de seu deus. Ao meio-dia, Elias – que não tem nenhuma pressa, nem sugere que as horas de tentativa já teriam sido suficientes –, meio displicente, com o tom de um curioso que dá um palpite, como que querendo ajudar (“não custa tentar! Quem sabe dá certo?”), aconselha-os ironicamente:

“Gritai mais alto; pois, sendo um deus, ele pode estar conversando ou fazendo negócios; ou então, viajando; talvez esteja dormindo e acordará”.

E, de fato, eles “começam a gritar mais forte”, fazem incisões no próprio corpo, para que escorra seu sangue, entram em transe até a hora do sacrifício da tarde, mas, de nada adianta: Baal não dá a menor resposta!

Por fim, Elias declara que chegou sua vez. Chama a atenção do povo, já um tanto disperso diante do ridículo fracasso e grita: “Aproximai-vos!”. O povo, pressentindo que “agora é sério”, aproxima-se. Elias prepara o altar de Iahweh e, para zombar dos adversários (para dar uma “lambuja”...), manda trazer água e despejá-la sobre o seu sacrifício (!). A multidão, atônita, tudo observa atentamente.

Antes de invocar seu Deus, o profeta, como quem repara que algo ainda não está bem, manda vir mais e mais água, até encharcar (“Agora sim!”) o altar e o novilho. E, após declarar que fez “todas estas coisas por ordem de Iahweh” (o bom humor é de Deus!), invoca-O e – para delírio dos assistentes e desgraça dos

⁵. Quantia nada desprezível: a indenização no caso de um boi que ataca a chifradas um servo – Ex 21, 32 – cifra-se em trinta siclos de prata.

quatrocentos e cinquenta profetas de Baal – desce do céu intenso fogo que consome tudo: novilho, água e altar.

Cinematográfica também é a intervenção do profeta Daniel (Dan 14 – LXX), também ele desmascarando – ante o rei Astíages – os setenta charlatães, sacerdotes do insaciável comilão: o ídolo Bel. Um dia, o rei pergunta a Daniel por que não adora Bel? Daniel responde que só adora o Deus vivo. Astíages replica, dizendo que Bel é tão vivo que consome diariamente quarenta ovelhas, doze artabas de farinha e seis metretas de vinho!! Daniel desata a rir e também aqui a coisa acaba em desafio de morte, proposto pelos sacerdotes: deixada a oferenda no templo de Bel, o rei, pessoalmente, trancará e lacrará as portas e se, no dia seguinte, estiver consumida por Bel, morre Daniel; caso contrário, se a oferenda estiver intacta, os sacerdotes é que serão executados.

Os sacerdotes de Bel falavam com essa despreocupação, porque dispunham de uma entrada secreta para o interior do templo. Daniel, porém, astutamente, espalha cinzas no chão e, quando no dia seguinte, Astíages abre o templo e adora Bel – que “comera” e “bebera” a oferenda –, Daniel ri e, detendo seus passos, pede ao rei que examine o chão. E Astíages ao constatar inúmeras “pegadas de homens, mulheres e crianças” e dar-se conta da entrada secreta e de que eram os sacerdotes e suas famílias que avançavam sobre as oferendas do ídolo, manda matá-los implacavelmente...

Mas os profetas sabem que sua tarefa não é nada fácil e, ante a escolha de Iahweh, protestam ou tentam subtrair-se (“Eu, hein?”) à missão: Jonas, que devia profetizar contra Nínive, compra passagem num navio para Társis (o mais longe possível); Amós, ameaçado por ter profetizado, alega: “Mas, se eu não sou profeta, nem filho de profeta; meu negócio é cuidar de vacas”; e Jeremias objeta a Iahweh: “Eu sou criança, não sei falar”.

Já o adivinho Balaão (Num 22 e ss.) cobrava “o preço do augúrio” (Num 22, 7), o “salário da iniquidade” (II Pe 2:15, cfr. tb. Jud 0:11 e Apo 2:14). Ante as ofertas e pressões de Balac, rei de Moab, para que profetize contra seu adversário Israel, para que profetize o que Deus não ordenou, Balaão é salvo da espada do anjo de Iahweh por sua jumenta, que empaca, cai e, finalmente, até fala com ele: “Por que me espancas?”!!

Só então, Balaão se dá conta da ameaçadora presença do anjo de Iahweh e de que a jumenta lhe salvara a vida. Atemorizado, diz: “Só direi as palavras que Iahweh puser na minha boca!”. Balac, desesperado – porque Balaão, ao contemplar o povo de Israel, não o amaldiçoa –, tenta um expediente ridículo: “Que fazes! Eu te contratei para amaldiçoar meus inimigos e tu proferes bênçãos sobre eles! Vem comigo a este outro lugar. Quem sabe? Talvez com este novo ângulo de visão, possas amaldiçoá-los”. Em vão, Balac repete o absurdo procedimento e, tentando negociar, pede ao profeta que, se não pode amaldiçoar seus inimigos, pelo menos não os abençoe... Até que, por fim, despede Balaão.

5. Cacoetes Semíticos

O sucessor de Elias, Eliseu, protagoniza outra divertida passagem (II Re 5) que põe em evidência cacoetes semíticos, referentes a provincianismos (“a minha terrinha, sim”), a cerimoniais e a desconfianças que podem provocar guerras.

Naamã, o sírio, prestigioso chefe do exército do rei de Aram (Síria), era leproso. Ora, os arameus, numa incursão, levaram do território de Israel uma moça

que tinha ficado ao serviço da mulher de Naaman. Um dia, essa moça, gabando-se, diz à sua senhora que, em sua terra (terra de profetas), o problema de Naamã seria resolvido facilmente.

O rei de Aram, que muito prezava seu general, envia-o ao rei de Israel, carregado de preciosos presentes e com uma carta lacônica (como se se tratasse de coisa simples): “Envio-te meu servo Naamã, para que o cures da lepra”.

Mais do que por motivos objetivos, as guerras no Oriente são frequentemente causadas pela fantasiosa imaginação e pela milenar desconfiança⁶: ao ler a carta, o rei de Israel interpreta-a como uma provocação, fica desesperado, rasga as vestes e diz: “Acaso sou eu Deus? O rei de Aram o que quer é pretexto para guerra”.

Eliseu, irritado (“deixa comigo!”) com a atitude do rei de Israel manda-lhe o seguinte recado: “Como é que é? Então, não há mais profetas em Israel? Manda esse estrangeiro falar comigo”. Naamã dirige-se, com toda a pompa e circunstância, à casa de Eliseu e, ao chegar, o profeta – com o maior esnobismo (“esta é fácil!”) – nem sequer lhe sai ao encontro: manda um mensageiro dizer que basta Naamã ir lavar-se sete vezes no Jordão.

Naamã, furioso, decide ir embora, protestando: que é falta de consideração, que o mínimo que se pode esperar de um profeta são gestos mirabolantes e “efeitos especiais”, que ele não fez essa penosa viagem para ir-se lavar nessa droga de Jordão etc. E não perde a oportunidade de exaltar os rios de sua terra: “Acaso os rios de Damasco, o Abana e o Farfar, não valem mais do que todas as águas de Israel juntas?”. Seus servos, porém, chamam-no à razão e convencem-no a seguir a recomendação do profeta – “precisamente porque indicou uma coisa tão simples”. E, ao obedecer, ele fica curado.

Esse episódio tem – entre outros “incômodos” – um desdobramento que muitos pregadores cristãos preferem evitar em suas homilias: Naamã reconhece “que não há outro deus em toda a terra, senão o Deus de Israel” (II Re 5, 15) e promete a Eliseu: “doravante este teu servo não oferecerá mais holocausto nem sacrifício a outros deuses, mas só ao Senhor”. Mas o general – que goza de tanto prestígio junto a seu rei – tem agora, convertido, um problema: não pode assumir publicamente sua conversão e pede ao profeta, que “quebre seu galho” junto a Deus: que lhe permita prostrar-se diante do deus pagão.

“Entretanto, que o Senhor perdoe ao teu servo o seguinte: Quando o meu soberano entrar no templo de Remon para adorar, apoiando-se no meu braço seja-me permitido também me prostrar no templo de Remon. E que o Senhor perdoe esse gesto ao teu servo.” (II Re 5, 18)

E para embaraço de ministros mais zelosos pelo purismo de sua igreja, o profeta autoriza Naamã imediatamente: “Faze-o tranquilamente!”.

⁶. Um exemplo: morreu Naás, o rei dos amonitas, que tinha sido benevolente para com Davi. Davi, com a melhor e a mais piedosa das intenções, envia seus servos para apresentar sinceros pêsames ao novo rei, Hanon, pela morte do pai. Os amonitas, porém, logo pensam mal: “Foi para observar a cidade e conhecer suas defesas e depois a arruinar que Davi enviou seus servos”. Hanon, então, manda prender os servos de Davi, raspar-lhes a barba e rasgar suas vestes, até as nádegas. Começa a guerra e, por conta de um mal-entendido, com dezenas de milhares de mortos (II Sam 10).

6. Semitismos e Jogos de Linguagem

Na Bíblia, encontramos também ritmos e jogos fonético-semânticos, tão característicos das línguas semíticas. É tal a presença de jogos de linguagem com semitismos nos evangelhos que um estudioso como Jean Carmignac chega a supor que os originais não foram escritos em grego (há tiradas que só funcionam em aramaico e demais línguas semitas). Quando, por exemplo, Zacarias diz: “Fez *misericórdia* a nossos pais, *lembrando-se* de Sua santa aliança, do *juramento* que fez a Abraão” (Lc 1, 71 e ss.), há no “original” semita um jogo de linguagem referente aos três personagens envolvidos na cena: João (*hanan*, fazer misericórdia), Zacarias (*zakar*, lembrar) e Isabel (*shaba*, jurar). Essa passagem faz supor que realmente se trata de uma narrativa em aramaico (de Maria para Lucas), por causa dos trocadilhos inexistentes no texto grego.

Trata-se de um jogo de palavras semelhante aos dos versos de nossas canções: “Sou caipira Pirapora Nossa Senhora de Aparecida, ilumina a mina escura etc.⁷”; “O povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas”⁸ ou: “Pedro pedreiro penseiro esperando o trem” (claro que em outra língua os versos de Chico Buarque não teriam essa graça: em espanhol, por exemplo, ficaria “Pedro, el albañil, viene temprano esperando por el tren...”). Ou ainda o verso de Chico César: “Deve sê legal sê negão no Senegal”...

E o texto sagrado frequentemente joga também com os nomes próprios, como ocorre naquelas canções de Chico Buarque – “*Januária na janela*” ou “*Pedro pedreiro*” – em que o relato está concatenado com o nome⁹.

Assim, dão-se no Velho Testamento, passagens como as seguintes. De Nabal (literalmente, o bruto), diz sua mulher Abigail: “Não dê o meu senhor atenção àquele homem grosseiro que é Nabal, nome que lhe vai bem¹⁰. Ele se chama o bruto, e realmente é grosseiro” (I Sam. 25, 25). Já o caso (Dn 13 – LXX) da casta Susana (lírio) é julgado pelo juiz de Deus, Daniel (literalmente, juiz – *Dan* – de Deus – *iel*). Israel, por sua vez, é também chamado Jeshurum e “Jeshurum engordou e, como um touro – *shor* –, deu coices” (Dt 32,15). Etc.

Certos aspectos dos jogos de linguagem da Bíblia encontram-se ligados a fenômenos em torno dos radicais semíticos: a relativa indeterminação semântica (em relação às línguas ocidentais) desses radicais e a metátese.

Como se sabe, cada radical semítico atinge um campo semântico imensamente fluido para os padrões ocidentais. Desse modo, em torno do radical S-L-M, da palavra árabe SaLaM (ou da hebraica ShaLoM), gravitam os significados: integridade, unidade, finalização, plenitude, aceitação, paz etc. De Sh-L-M deriva o nome Salomão. Assim, a Davi, que foi um homem de guerra, Deus diz: “Este teu filho será um homem de paz, pois Salomão é o seu nome” (I Crn 22,9). E Deus mantém a *integridade* do reino de Salomão (cujo nome significa integridade); só após sua morte vem o cisma.

⁷. “Romaria” de Renato Teixeira.

⁸. “Sampa” de Caetano Veloso.

⁹. O mesmo fenômeno – que ocorre diversas vezes na Bíblia – da vinculação do significado do nome ao destino da personagem, dá-se também em historietas infantis, piadas ou programas humorísticos: Cinderela lida com o borralho (em inglês, *cinder*); o loquaz “enrolador” do programa humorístico da TV é Rolando Lero; o marido traído, Cornélio; a fofoqueira, Ofélia (ofídica) etc.

¹⁰. Numa conhecida canção dos Beatles, encontramos “*Michelle, ma belle, these are words that go together well*”. E, num antigo samba: “essa paixão que me *devora*; ôpa, quase que eu disse agora; o nome daquela mulher (Débora)”

O espírito cartesiano ocidental fica ainda mais perplexo quando constata que, além do mais, é frequente nas línguas semíticas a metátese, isto é, que por mudança de ordem das três consoantes surja uma nova raiz de significado relacionado¹¹.

Por exemplo, metatética e realmente, primogenitura (B-K-R) é, na Bíblia, associada à bênção (B-R-K) e ao engrandecimento (K-B-R). E, como faz notar Strus¹², a forma sonora de SaRaY, mulher de Abraão, liga-se a herança, herdeiro (YaRSh).

7. “Cantando a Jogada” – Ira de Rei...

Um interessante episódio bíblico envolve a temível – e, como veremos, por vezes, previsível em detalhes – realidade da ira do rei. “Como rugido de leão é a indignação do rei” (Prov 19, 12), adverte a sabedoria vetero-testamentária. E repete, complementando: “Como rugido de leão é a indignação do rei, o que a excita prejudica-se a si mesmo” (Prov 20, 2). E ainda: “O furor do rei é mensageiro de morte; mas o homem sábio o aplaca” (Prov 16, 14).

Se estas advertências se aplicam aos reis em geral¹³, elas valem, particularmente, para o rei Davi, “homem de guerras” e, quando irritado, “semelhante a uma urso privada de seus filhotes” (II Sam 17, 8).

Assim, referindo-se ao mensageiro que lhe trouxe a notícia – aparentemente boa – da morte de Saul, Davi diz: “Aquele que me anunciou a morte de Saul acreditava ser portador de uma notícia alvissareira; eu o agarrei e matei em Siceleg, em retribuição pela sua ‘boa nova’” (II Sam 4, 10).

Não é de estranhar, portanto, que não seja fácil encontrar um voluntário para relatar a Davi (que tinha ficado em Jerusalém) as pesadas perdas de seu exército, comandado por Joab, no assalto a Rabá. Joab, ao confiar ao mensageiro o relatório da desastrosa batalha, adverte-o: “Ah! não liga não, *pode ser* que o rei fique enfurecido e estoure...”. Esta simulada incerteza é puro artifício psicológico (para não assustar demais o rapaz): Joab conhece muito bem o rei e sabe perfeitamente até *como* ele vai explodir. E, para tranquilizar o mensageiro, já o previne exatamente de quantas e quais vão ser as críticas de Davi, da ordem em que o rei irá desfiá-las e até dos exemplos – “lembra aquela velha história do Abimelec?” – de que o rei vai se valer em seu acesso de fúria. – Ele vai ficar furioso e vai perguntar: “Por que vos aproximastes da cidade para lutar? Não sabíeis que iriam atirar do alto das muralhas? Quem matou Abimelec, o filho de Jerobaal? Não foi uma mulher que lhe atirou uma pedra de moinho, do alto da muralha e ele morreu, em Tebes? Por que vos aproximastes da muralha?” (II Sam 11, 18-21). – Não precisa se preocupar, eu conheço o chefe. Deixa-o acabar de falar e aí você dá a notícia boa para ele: “Urias também morreu!”. Pode ficar tranquilo que, quando você disser isto, ele vai se acalmar.

Joab acertou em cheio. Ao ouvir o detalhado relatório, Davi explode com o mensageiro, repetindo – ao pé da letra – tudo o que Joab tinha previsto: “Por que vos aproximastes da cidade para lutar? Não sabíeis que iriam atirar do alto das muralhas? Quem matou Abimelec, o filho de Jerobaal? Não foi uma mulher que lhe atirou uma pedra de moinho, do alto da muralha e ele morreu, em Tebes? Por que vos

¹¹. Se, entre nós, a metátese é rara e casual, como por exemplo em terno/tenro, no Oriente, ela é frequente e, muitas vezes, dotada de real conexão de sentido, como nos seguintes exemplos árabes: Q-L-B (coração), Q-B-L (acolher, beijar); Q-M-R (lua), R-Q-M (numerar, regar) etc.

¹². STRUS, Andrzej, *Nomen-omen*, Roma, Biblical Institute Press, 1978.

¹³. Não só ofender o rei acarreta a morte (Bar 6, 17), mas mesmo por muito menos pode-se perder a cabeça: por desagradar-lhe ou – como em Est 4, 11 – por comparecer a seus aposentos sem ter sido chamado. Aliás, a violência era tão institucionalizada que a Bíblia não deixa de explicitar o curioso detalhe de que, a cada ano, por ocasião do equinócio de primavera, começava a “temporada”: “a época em que os reis costumam fazer guerra...” (II Sam 11, 1).

aproximastes da muralha?” (II Sam 11, 24). O mensageiro, apavorado, ainda esboça umas desculpas esfarrapadas mas, por fim, emenda: “Ah!, Urias morreu também”. É a palavra mágica: Davi, imediatamente se tranquiliza, dá uns tapinhas nas costas do rapaz e manda-o dizer a Joab: “Não te preocupes com esse caso: a espada devora tanto num como no outro lado¹⁴” (II Sam 11, 25).

8. “Corinhos”...

Ainda no Velho Testamento, encontramos o gosto do povo por refrões de burla rimados/ritmados (sobretudo quando o alvo é um figurão), semelhantes aos que, ainda hoje, repetem as torcidas em coro nos estádios e que tanto enfurecem o alvejado, posto em ridículo.

Assim, encontramos, em II Re 2, o episódio – de desfecho trágico – do profeta Eliseu subindo para Betel, após ter milagrosamente despoluído as águas de Jericó. Embora tenha feito esse extraordinário benefício à cidade, Eliseu é seguido por um bando de moleques, que se põem a gritar em coro: “So-be, ca-re-ca! So-be, ca-re-ca! So-be, ca-re-ca!”.

O corinho mais célebre, porém, é o que se dirige ao rei Saul (I Sam 18, 7 e 8): um refrão que se alastrou em todas as direções e é lembrado, mesmo anos depois. Davi está de volta do duelo com Golias, do combate em que salvou Israel. Na festa de comemoração, apresentam-se diante de Saul mulheres que vinham de todas as cidades de Israel, tocando tamborins e dançando “ao som dos sistros” e que começam, em coro, a cantar: “Sa-ul ma-tou mi-il; Da-vi ma-tou dez mi-il” (à luz do tópico anterior, sobre a arbitrariedade e a violência dos reis, pode-se avaliar ainda melhor, a atitude extremamente temerária dessas mulheres, que se escudam no anonimato do corinho...).

Saul morde-se de inveja (“A Davi deram dez mil, mas a mim só mil”) e chega a atentar contra a vida do jovem. Davi, temendo a morte, foge para bem longe e vai buscar refúgio junto a Aquis, rei de Gat (cap. 21). Mas a burla tinha se espalhado. Mal chega à presença de Aquis, Davi é reconhecido pelos servos do rei: “Não é este a quem cantavam aquelas danças: ‘Saul matou mil; Davi matou dez mil’?”. Vendo-se reconhecido, Davi, atemorizado, finge-se de louco: faz cara de doido, começa a tamborilar nos batentes das portas, deixa a saliva escorrer pela barba etc. Ante a grotesca cena, o rei dirige uma “indireta” a seus assessores: “Este homem está louco, por que o trouxestes à minha presença? Será que eu preciso de mais um biruta? Louco aqui é o que não falta!”.

Davi, então, começa uma vida errante e, após mil peripécias, encontra-se ao lado do inimigo, os filisteus (cap. 29) que – também eles e mesmo anos depois – ainda lembram: “Mas este não é o tal Davi de quem se cantava dançando: ‘Saul matou mil; Davi matou dez mil’?”.

9. “Sim, mas... Bem, eu... É, que...” Ambiguidades, desculpas esfarrapadas, artimanhas

O humor oriental aprecia muito a engenhosidade, esperteza, “inocências” e astúcia. A Bíblia está recheada de passagens nesse sentido: de Jacó – que uma e outra vez “passa a perna” a Esaú (e é, por sua vez, ludibriado por Labão) – a Davi, que aproveita o momento em que Saul está fazendo suas necessidades e lhe corta a ponta

¹⁴. Provérbio que significa: tudo bem, eles tiveram baixas, nós também, assim são as coisas.

do manto, passando por José que esconde a taça, até o próprio Cristo, que, numa parábola, chega a louvar a argúcia do infiel mordomo, hábil negociador (Lc 16, 8).

Na categoria “desculpas esfarrapadas” – inaugurado já desde o começo da história humana por Adão e por Eva¹⁵ –, o vencedor é Aarão. Moisés subira à montanha (Ex 24 e ss.) para receber detalhadas instruções de Iahweh (que incluem não só as tábuas da lei, mas até pormenores sobre o modo de vestir dos sacerdotes), deixando Aarão encarregado do povo. Vendo que Moisés tardava (Ex 32) – a ausência durava já quarenta dias e quarenta noites –, o povo pede a Aarão que lhes *faça* um deus. Aarão faz uma grande coleta de ouro e – abominação suprema! – fabrica um ídolo: o bezerro de ouro – ao mesmo tempo que, ambigüamente, proclama uma festa para Iahweh (!?).

Moisés, ao saber da orgia idolátrica, desce enfurecido, quebra as tábuas da Lei, destrói o ídolo e interpela a Aarão, que “inocentemente” responde: “Eles queriam um deus, deram-me o ouro, eu o lancei no fogo e *saiu* este bezerro”.



“...saiu este bezerro” – Adoração do bezerro de ouro por Nicolas Poussin

Intrigante é também a atitude do faraó, diante da horrível praga das rãs, que infestavam todo o território do Egito: havia rãs na casa, no quarto e até na cama do faraó (Ex 7, 28).

O faraó, desesperado, chama Moisés e Aarão: “Rogai a Iahweh que afaste as rãs de mim e de meu povo, e deixarei teu povo partir”. Moisés, como bom semita – desconfiando da seriedade da promessa do faraó e para firmar bem os termos do contrato – faz a surpreendente pergunta (como se se tratasse de algo não urgente, digamos, como o conserto de um bibelot etc.): “Digna-te dizer-me quando deverei rogar a Iahweh para afastar as rãs”.

Mais surpreendente ainda é a resposta do faraó (reveladora da falta de convicção em sua intenção de deixar os judeus saírem): “Amanhã!”.

¹⁵. “Com que então, comeste da árvore que Eu te proibi de comer?” “A mulher que *Tu* puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” E Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizeste?”. E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi” (Gn 3, 11-12).

10. O Bom Humor no Novo Testamento

No Novo Testamento, o humor manifesta-se sobretudo em Cristo ressuscitado, que aparece a discípulos que não O reconhecem¹⁶.

Ele se vale, por diversas vezes, do recurso desse “teatro” desconcertante e como que brinca de desempenhar um papel, e, por assim dizer, disfarça-se, camufla-se, para possibilitar a seus interlocutores o reconhecimento de sua pessoa, a captação de uma verdade que, de outro modo, seria inacessível para eles.

É uma constante nas aparições de Cristo ressuscitado. Os discípulos de Emaús (Lc 24) eram incapazes de reconhecer que era Cristo quem estava a seu lado (*oculi illorum tenebantur ne eum agnoscerent*). Com divertida ironia, Jesus deixa que Cleofas e seu companheiro (Lc 24) Lhe expliquem longamente o que tinha acontecido a Jesus de Nazaré... (“Tu és o único forasteiro em Jerusalém que não sabe de Jesus Nazareno? “Ah é, é? O que foi, hein?”) e depois ouvem “o forasteiro” expor tudo a respeito da redenção, “desde Moisés passando por todos os profetas”, e só horas depois O reconhecem na fração do pão..

No cap. 20 de João (11-18), a mesma camuflagem: Maria Madalena não reconhece os anjos e muito menos Jesus lúdico. Ela pensa que está conversando com o encarregado do horto...:

Entretanto, Maria se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava. Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: “Mulher, por que choras?”. Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram”. Ditas essas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? Quem procuras?”. Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar”. Disse-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se ela, exclamou em hebraico: “Rabôni!” (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que ele lhe tinha falado.”

No capítulo seguinte (Jo 21: 1-14), as vítimas do “engodo” são os apóstolos que não sabem Quem está lá na praia e lhes diz : “Ei, vocês têm alguma coisa para comer? Joguem a rede à direita...”.

Depois disso, tornou Jesus a manifestar-se aos seus discípulos junto ao lago de Tiberíades. Manifestou-se deste modo: Estavam juntos Simão Pedro, Tomé (chamado Dídimos), Natanael (que era de Caná da Galileia), os filhos de Zebedeu e outros dois dos seus discípulos. Disse-lhes Simão Pedro: “Vou pescar”. Responderam-lhe eles: “Também nós vamos contigo”. Partiram e entraram na barca. Naquela noite, porém, nada apanharam. Chegada a manhã, Jesus estava na praia. Todavia, os

¹⁶. Nos próximos parágrafos (sobre Jesus ressuscitado) retomo trechos que empreguei no artigo: “Pessoa, identidade, auto-realização e identificação – o reconhecimento de Jesus e sua personalidade humana” – <http://www.hottopos.com/isle40/JeanSilvioEnio.pdf>

discípulos não o reconheceram. Perguntou-lhes Jesus: “Amigos, não tendes acaso alguma coisa para comer?”. – “Não”, responderam-lhe. Disse-lhes ele: “Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis”. Lançaram-na, e já não podiam arrastá-la por causa da grande quantidade de peixes. Então, aquele discípulo a quem Jesus amava, disse a Pedro: “É o Senhor!”. Quando Simão Pedro ouviu dizer que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se às águas. Os outros discípulos vieram na barca, arrastando a rede dos peixes (pois não estavam longe da terra, senão cerca de duzentos côvados). Ao saltarem em terra, viram umas brasas preparadas e um peixe em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus: “Trazei aqui alguns dos peixes que agora apanhastes”. Subiu Simão Pedro e puxou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. Apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. Disse-lhes Jesus: “Vinde, comei”. Nenhum dos discípulos ousou perguntar-lhe: “Quem és tu?” –, pois bem sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se, tomou o pão e lhos deu, e do mesmo modo o peixe.

Bom humor também nos gestos de Jesus. Ele – que foge quando querem fazê-LO rei (Jo 6, 15), após a multiplicação dos pães – finalmente, no Domingo de Ramos, deixa-se aclamar como rei e o faz em tom de humor: entrada triunfal em Jerusalém, montado num burrinho! (os discípulos que tomavam a sério a ideia de um reinado temporal “não compreenderam isto”, Jo 12, 16).

O antigo costume oriental de responder a uma pergunta com outra – costume inaugurado por Caim (à indagação de Iahweh: “Onde está teu irmão?”), ele responde: “Acaso sou eu o guarda de meu irmão?” – é, ainda hoje, uma marca do humor judaico (interpelam o judeu: “Por que vocês só respondem com outra pergunta?”. Ele responde: “E por que não?”). Jesus, mais do que qualquer outro personagem bíblico, vale-se desse estilo¹⁷, frequentemente, para reduzir ao silêncio as insidiosas indagações dos fariseus, até que não se atrevessem mais a perguntar-Lhe coisa alguma (Lc 20, 40).

Humor também no agudo Lucas. Em Atos 12, não deixa escapar a fina observação psicológica da reação da criada Rode ao reconhecer que é Pedro (que acaba de escapar da prisão) quem está batendo à porta: “ficou tão alegre que não lhe abriu” e, em vez disso, foi, alvoroçada, contar aos que estavam na casa. Estes discutiam com ela (“Não é possível, Pedro está na prisão!”, “Tenho certeza, é ele mesmo”), mas abrir que é bom, ninguém abria. Pedro, porém, desesperado, continuou batendo até que, finalmente, deixaram de discutir e lembraram-se de lhe abrir a porta.

Já em Atos (19, 13 e ss.) descreve aquela passagem em que os ridículos sete “exorcistas” ambulantes, filhos de um judeu chamado Cevas, que, vendo como Paulo expulsava demônios e fazia milagres extraordinários, acharam que também eles poderiam imitar seus exorcismos: “Sai, demônio!, Sai, demônio! Sai em nome de Jesus, a quem Paulo prega!”. Mas, como exorcismo não é para quem quer (mas para quem pode...), o espírito mau responde-lhes¹⁸: “Jesus, eu conheço; Paulo, eu sei quem

¹⁷. Perguntaram-lhe: “Com que autoridade fazes isto?”. Ele respondeu: Também eu vos faço uma pergunta: o batismo de João era do Céu ou dos homens? (Lc 20:2,3). “Mestre, é lícito pagar o tributo a César ou não?”. “Mostrai-me um denário: de quem traz a imagem e a inscrição?”. “De César”. “Então, a César o que é de César; e a Deus o que é de Deus” (Lc 20, 21 e ss.). Um dos principais perguntou-lhe: “Bom Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna?”. “Por que me chamas bom?” (Lc 18, 18).

¹⁸. No tom irônico e agressivo de quem pergunta: “Quem você pensa que é?”.

é; mas, vocês, quem são?”. Ato contínuo, o possesso salta sobre eles e dá-lhes uma surra memorável (quando conseguem fugir, estão feridos e com as roupas rasgadas)

Ainda Atos 19 descreve um típico fenômeno de massas. Tudo começa com os temores de um certo Demétrio, uma espécie de presidente do sindicato dos artífices de prata (fabricantes de nichos para as imagens da deusa Ártemis), em “piedoso” e muito lucrativo serviço da deusa. Ele reveste-se de zelo “religioso” contra o “perigo anti-idolátrico”: Paulo. Reúne os colegas do “ramo religioso” e vai direto ao assunto: “Amigos, sabeis que é deste ganho que provém o nosso elevado padrão de vida” e explica-lhes o perigo que Paulo representa *também* para o culto da deusa.

[A propósito, convém recordar o registro de Atos 17: a pregação de Paulo no Areópago de Atenas. Os atenienses, inicialmente interessados em ouvir o Apóstolo (“todos os atenienses – observa Lucas – não se entretinham noutra coisa, senão em dizer e ouvir as últimas novidades”), acabam por despedi-lo com um zombeteiro “Volta outro dia”... Já neste discurso, Paulo havia dito que é “impossível que a divindade seja semelhante à prata ou a uma escultura de arte e engenho humanos”.]

Incitados por Demétrio, os ourives põem-se a gritar: “Grande é a Ártemis dos efésios!”.



O templo de Ártemis em Éfeso – uma das sete maravilhas do mundo
<https://ephesusbreeze.com/pt/efeso/entorno>

Em pouco tempo provocam um tumulto geral: a cidade toda acorre ao teatro, gritando (“a assembleia estava totalmente confusa e a maior parte nem sabia por que motivo estavam reunidos”). E puseram-se a gritar a palavra de ordem – por quase duas horas!! – “Grande é a Ártemis dos efésios!”.

O escrivão da cidade – querendo a todo custo acalmar o tumulto e evitar a acusação de sedição – finalmente consegue um pouco de silêncio, e tem a ideia genial de dirigir-se ao povo, manifestando o ridículo da cena. Diz-lhes: “Sim..., sem dúvida, Ártemis é grande (frase seguida, provavelmente, de uma pausa e do complemento: “Há alguém aqui que acha que não?”). E é óbvio também que é a guardiã da cidade! (pausa)”. Ao dizer estas palavras, meia vitória já está conquistada. O desfecho é não menos evidente: “Se Demétrio e os ourives têm alguma queixa, para isto existem os tribunais; não seja que sejamos acusados de sedição. E como todo o mundo sabe que Ártemis é a maior, agora é melhor cada um voltar para sua casa”.

Finalmente, não escapam a Lucas detalhes irônicos, tais como o da fala do sumo sacerdote, interpelando os apóstolos (At 5, 28): “O que é que quereis? Fazer recair sobre nós o sangue desse homem (Jesus)? Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome. No entanto, enchestes Jerusalém com a vossa doutrina”. Ora, precisamente o Sinédrio – ainda há pouco tempo, por ocasião do processo de Jesus – havia incitado o povo a dizer: “Caia seu sangue sobre nós e sobre nossos filhos”.

Recebido para publicação em 29-07-21; aceito em 01-09-21